

FRAGMENTOS E APONTAMENTOS SOBRE FRANCISCO DE PAULA BRITO

* *Claudia A. A. Caldeira**

RESUMO

A presente proposta de trabalho é , a partir da figura de Francisco de Paula Brito, mulato sem instrução formal, tipógrafo, livreiro e editor, explorar algumas possibilidades relacionadas à História da Imprensa. Trata-se aqui de observar como a tipografia, a imprensa e mais tarde a literatura permitiram que Paula Brito construísse uma rede de relações, a partir dos espaços de sociabilidade em torno da imprensa e do impresso, o que lhe garantiu a sobrevivência e de outros indivíduos de origem similar a sua.

Palavra-chave: Imprensa, tipografia e literatura.

ABSTRACT

The current proposal of this work is based on the icon of Francisco de Paula Brito, a mulatto man without education, compositor, bookseller and editor who explores some possibilities related to the History of the Press. It also analyses how the typography, the press and afterwards the literature allowed Paula Brito build a web of relationships from the spaces of sociability of the press and printed press which granted his survival and the survival of the other individuals with similar origin.

Keyword : Press, typography and literature.

* Mestranda em História no Programa de Pós Graduação da UFRRJ

FRAGMENTOS E APONTAMENTOS SOBRE FRANCISCO DE PAULA BRITO

Foi durante a Regência que Francisco de Paula Brito começou a ser percebido como mais que um simples impressor, sua pequena loja tornou-se uma fábrica de pasquins. Foram muitos os que recorreram a seu trabalho para terem seus jornais impressos. Com a entrada em cena dos pasquins teve início uma guerra política na qual, os excluídos do poder, exaltados e caramurus, manifestavam sua insatisfação com os rumos políticos do país.

Ao manter em sigilo o nome dos autores dessas folhas, assumindo a responsabilidade e o risco de ser punido, segundo a legislação vigente que buscava reprimir abusos em relação a liberdade de imprensa), Paula Brito tornava-se cúmplice daqueles que o procuravam para terem seus trabalhos impressos, devendo responder pelos impressos que saíam de seus prelos, sem identificação (STOLZE, 2000:30). A reunião de pessoas de diferentes partidos em sua tipografia, criando um espaço de sociabilidade “...consentia que saíssem de seus prelos muitos jornais políticos e transformava em clube as salas de sua oficina. Ali, os amigos e contrários discutiam com veemência, porém com dignidade.”(AZEVEDO, 1863: XVII).

O Restaurador

Além da repressão e do controle efetuado pelo Estado, as tipografia ainda enfrentavam a fúria da população descontente. O jornal *O Restaurador*, impresso na Tipografia Fluminense de Brito & C., em 1833, teria colocado sua loja na rota das manifestações armadas pelo governo para destituir José Bonifácio do cargo de tutor. (Viana, 1946:246). Acusado de pertencer ao partido Caramuru, teve seu estabelecimento sob ameaça de ser destruído. Em folheto que fez circular logo após o incidente, explica sua posição de Impressor livre e suas convicções políticas, ressaltando sua imparcialidade em relação às publicações:

“ ... Ontem 5 do corrente, pelas 7 horas da tarde, uma porção de Brasileiros Natos, saídos dentre vós, depois de me haver tratado com detestáveis epítetos de restaurador, pretende invadir meu domicílio e armados de paus demolir meu Estabelecimento Tipográfico e arrancar -me a vida, pelo mero fato de haver dele saído um pequeno impresso (ainda que legal), no qual não tive parte alguma , e somente pela imparcialidade que sigo de IMPRESSOR LIVRE ...”
(BRITO,1833)

Mais adiante, nesse mesmo documento, dizia ter se livrado da morte graças à intervenção dos freqüentadores de seu estabelecimento: “...de homens, que há anos me conhecem e que sabem, que sempre segui a opinião de um Verdadeiro Exaltado (partido a que tenho a honra de pertencer)” (BRITO,1833)

Laurence Hallewell, em capítulo dedicado a Paula Brito, faz uma pequena confusão em relação às tendências políticas do editor, ao referir-se ao afastamento ocorrido entre Brito e Evaristo da Veiga em função de divergências políticas:

“...Paula Brito, porém aliou-se aos exaltados (o partido que advogava a volta de D, Pedro) contra a Regência, e rompeu com Evaristo: provavelmente aderiu à idéia de que um governo pessoal forte era uma salvaguarda indispensável da unidade ainda precária da nova nação. (HALLEWELL,1985:87)

O partido exaltado era formado por elementos liberais mais radicais, recebia também a denominação de farroupilha. Os partidários da volta de D. Pedro I integravam o partido Caramuru. Os exaltados eram, em sua maioria, pessoas de camadas menos favorecidas financeiramente, alguns de seus integrantes eram republicanos, como o redator da Nova Luz Brasileira, Ezequiel Corrêa dos Santos, de quem Paula Brito adquiriu os prelos para montar sua primeira tipografia em 1833.

Além de fazerem oposição ao governo liberal moderado, alguns jornais saídos de sua tipografia, embora apresentassem orientações políticas diferentes, inseria no debate político a questão racial, demonstrando existir um quadro de insatisfação entre os homens livres negros ou mestiços.

A Cor e os jornais

O jornal *O Homem de Cor*, que passaria a chamar-se *O Mulato, ou Homem de Cor*, dirigido por um mulato de nome Lafuente, reclamava a igualdade trazendo em sua epígrafe a reivindicação do direito de todo cidadão poder ser admitido em cargos públicos civis e militares, sem outra distinção que não fosse suas virtudes. Para o historiador Helio Viana, este jornal esteve muito próximo de se tornar um legítimo órgão mestiço, se estivesse sob a direção de seu impressor, mas ressalta que este provavelmente teria influenciado os rumos da folha (Viana: 1946, 219). A questão racial também estaria presente no Jornal A mulher do

Simplício, totalmente redigido por Paula Brito, em 1837 trazia em suas páginas, sua preferência pelo monarquia, usando como argumento a questão da liberdade e da igualdade:

Si não tem o povo nellas,
do que nós mais liberda
Si as classes não se nivellão
por huma lei d'igualdade

Si homem de cor nos estados
unidos (fallemos francos)
infeliz, não faz a barba,
onde barbeao - se os brancos;

A atuação política de Francisco de Paula Brito, como filiado do partido exaltado ou pela opção de não revelar os nomes dos redatores dos pasquins que imprimia, revelava a preocupação com a questão da garantia dos direitos civis. Ressaltando não um discurso abolicionista, mas a cobrança da promessa implícita no ideário liberal de igualdade e do direito de manifestar livremente opiniões e idéias.

O uso dos pasquins, como veículo, para tornar pública essas questões contrastava com os jornais moderados, diferindo não só na estrutura, mas também na linguagem, bem mais acessível, o que facilitava o entendimento dos leitores. Fosse em verso ou em prosa, a proximidade entre os jornais e a rua fez desse período um dos mais ricos em termo de debates e participação política.

Sociedade Petalógica

A Livraria de Francisco de Paula Brito esteve associada ao movimento romântico, não só pelos autores que editou, mas principalmente por tê-lo difundido amplamente, pois havia desenvolvido ao longo dos anos um sistema de distribuição através de seus correspondentes, bem como em alguns anúncios que circulavam no jornal *A Marmota*. Paula Brito se oferece para representar os interesses de jornais de outros estados, formando uma rede “...Tendo estabelecido correspondentes em quase todas as províncias do Brasil, por estas espalhava numerosas publicações saídas de suas oficinas, tornando-se desse modo um verdadeiro elemento de civilização.” (MACEDO, 1876: vol. 3: 546)

O sistema de subscrição usado para os jornais foi estendido pelo editor à publicação de livros, dessa forma, pode lançar autores que não dispunham de capital para financiar a própria

edição. Os autores, sem recursos, em geral, já colaboravam em seu jornal, assim já eram conhecidos pelo público e devidamente apresentados ao clube literário que se reunia na livraria, chamada Sociedade Petalógica. Esta Sociedade traz alguns aspectos interessantes, pois, embora seja associada ao movimento romântico, segundo Paula Brito sua origem remonta a Regência:

Segundo seu título, não trata senão de petas, é um ajuntamento de pessoas, mais ou menos instruídas, que há cerca de vinte anos se reúnem num dos lugares mais belos e mais conhecidos desta Corte. Criada espontaneamente sem nome, no princípio, seu fim era todo político; mas como mudam-se os tempos nós também os com eles (...) passou a ser somente recreativa, podendo todo mundo que nela tem assento expor com franqueza a sua opinião, contanto que haja de responder pelos abusos cometidos no exercício desse direito.”

Este comentário escrito em 1853 nas páginas do jornal A Marmota, estabelece relação entre a tipografia e a Sociedade Petalógica, indicando que ao longo de vinte anos este espaço teria se transformado em um espaço mais literário do que político, mas como indica Machado de Assis, freqüentador de suas reuniões, a sociedade possuía um aspecto sério e sisudo, com ares de confraria que seria muito pouco conhecido pelo público.

“ ... são os grandes do Estado que ali fazem sua profissão de fé , e pedem a sociedade seu apoio, apoio que se torna importante , e de resultado quase infalível, sempre que ela lhe quer dar, por que o seu círculo é imenso e suas afeições são tantas, e tantas as simpatias, que quase sempre a balança tende para o lado que ela deseja. “

O Enjeitado

Em meio a autores como José de Alencar, Gonçalves Dias, Joaquim Manuel de Macedo que figuravam no catálogo de suas edições em total sintonia com as idéias românticas, surgiram autores, fora desses padrões, que não possuíam instrução formal e, em sua maioria eram seus empregados da tipografia. Teixeira e Souza corresponde a essa descrição, considerado autor da primeira novela brasileira (O Filho do Pescador) e Machado de Assis que foi revisor na tipografia, tendo publicado seus primeiros versos na Marmota.

Um dos contos escritos por Paula Brito e publicado no Jornal do Comércio em 1842, intitulado O Enjeitado, começava apelando para o uso dos cenários naturais em substituição aos castelos europeus, apontando a mesma solução que o crítico francês Ferdinand Denis havia sugerido, como forma de criar uma literatura nacional diferente da literatura portuguesa. Mais adiante o autor aponta para a resistência a incorporação de elementos novos à língua. Esta resistência pode ser tomada como exemplo do tipo de tensão que se estabeleceu na literatura.

“Nós, humilde rabiscador de papel, que já lemos as Décadas e Lucena, e que ainda às vezes nos recreamos com Sá de Miranda, Bernardes, Camões e Ferreira, e que apesar disso entendemos que não é para desprezar a linguagem de Garção, Diniz e Ribeiro dos santos, e alguns outros que entendemos que a construção de nossa frase de hoje não está obrigada a sujeitar-se a em tudo e por tudo a à construção de Palmeirim e Clarimundo, tendo achado em Camões muitos termos que a língua de antes não tinha antes, e não sabendo por que não daria a Virgílio e Varo a mesma licença que a Cecílio e Plauto, quando as palavras são como as folhas, que umas caem e outras nascem, iremos satisfazendo nossa vontade de escrever, sem importa-nos com o que dizem esses:.....Letrados”³⁹

A observação feita por Paula Brito demonstra as críticas a que se expunham aqueles que buscavam se expressar fora da chamada norma culta. Para melhorar ilustrar este tipo de atrito, recorro ao escritor José de Alencar, que ao escrever o romance Iracema buscou desenvolver uma linguagem mais próxima ao português falado, pois acreditava ser estas transformações um aperfeiçoamento da língua ao espírito do povo. (JOBIM, 1999: 17)

Dentro da perspectiva desenvolvida por Benedict Anderson a vulgarização da língua, se constitui em um passo para a consolidação das línguas nacionais, sendo a imprensa a principal responsável pela sua difusão.

A experiência de Paula Brito e Alencar apontam para uma mesma direção, embora no primeiro o uso da linguagem popular se torne fator de resistência, pois acaba por remeter-se a questão da própria liberdade de expressão. Para José de Alencar uma experiência de apropriação, vista como necessária para um rompimento definitivo com o passado colonial.

Esperamos a partir desta breve exposição ter contribuído de alguma forma, para a observação do universo de possibilidades apresentados pela galáxia de Gutemberg.

BIBLIOGRAFIA

- ANDERSON, Benedict. *Nação e consciência nacional*. São Paulo: Ática, 1989.
- AZEVEDO, Manoel Duarte Moreira de. *Biografia de Francisco de Paula Brito*, In; *Poesia de Francisco de Paula Brito*. Rio de Janeiro: Tipografia Paula Brito, 1863.
- _____. *Origem e desenvolvimento da Imprensa no Rio de Janeiro*. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Rio de Janeiro: 1865.
- BRITO, Francisco de Paula. *Poesias de Francisco de Paula Brito*. Rio de Janeiro: Tip. Paula Brito, 1863.
- CHARTIER, Roger. *Cultura escrita, literatura e história*. Porto Alegre: Artmed editora, 2001.
- _____. *A ordem dos livros*. Brasília: Edunb, 1994.
- GONDIM, Eunice Ribeiro. *Vida e obra de Paula Brito*. Rio de Janeiro: Livraria Brasileira Editora, 1965.
- HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural na esfera pública*. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 2003.
- HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil*. São Paulo: Edusp, 1985.
- JOBIM, José Luis (org.). *Introdução ao Romantismo*. Rio de Janeiro: Eduerj, 1999.
- LIMA SOBRINHO, Barbosa. *Os precursores do conto brasileiro*. Rio de Janeiro; Civilização Brasileira, 1960
- MACEDO, Joaquim Manoel de. *Ano biográfico brasileiro*. Rio de Janeiro: Tipografia e Litografia do Imperial Instituto Artístico, 1873, vol. 3.
- MACHADO, Ubiratan. *A vida literária no Brasil durante o romantismo*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2001.
- RIZZINI, Carlos Andrade. *O livro, o jornal e a tipografia no Brasil (1500-1822)*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1988.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro, Editora Mauad: 1999.
- STOLZE, Ivana Lima. *Cores, marcas e falas - a polissemia da mestiçagem no Império do Brasil*. Niterói: Dissertação de Doutorado, UFF, 2000.
- VIANA, Hélio. *Contribuição à história da imprensa brasileira (1812-1869)*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1946.
- _____. *Paula Brito – O protetor de Machado de Assis*. Revista da Sociedade dos Amigos de Machado de Assis n.º 6. Rio de Janeiro, 1961.